



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



ANAIS

JAC XIII – UFSCar

Junho 2014

Apoio:



INCT | ECCE
Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
sobre Comportamento, Cognição e Ensino





13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Comissão Organizadora JAC 13

Prof.^a Dr.^a Camila Domeniconi

Ms. Luziane Kirchner

Lívia Benatti

Marina Fenner

Lívia Campos Balog

Mateus G. Nogueira

Renan Reis

Suelen Bertin Marcuci

Viviane Dutra Gama

Corpo Editorial

Camila Domeniconi

Mateus G. Nogueira

Luziane Kirchner

Marina Fenner



Sumário

I. Mesa de Abertura.....	4
II. Conferências e Simpósios	5
<i>Conferência1</i>	5
<i>Simpósio 1</i>	6
<i>Simpósio2</i>	7
<i>Conferência 2</i>	8
<i>Conferência 3</i>	9
<i>Conferência 4</i>	10
III. Palestra de Encerramento	11
IV. Minicursos	12
<i>Mini-curso 1</i>	12
<i>Mini-curso 2</i>	13
<i>Mini-curso 3</i>	14
<i>Mini-curso 4</i>	15
V. Fóruns: Atuação profissional o que você tem a dizer?.....	16
Fórum I	16
Fórum II*	17
Fórum III*.....	22
Comunicações Orais	25
Painéis	27

*Resumos expandidos



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



I. Mesa de Abertura

MEMÓRIAS SOBRE A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: 10 ANOS SEM CAROLINA BORI

Profª Dr. Deisy das Graças de Souza¹, Prof. Dr. Isaías Pessotti¹, Prof. Dr. Julio De Rose¹

¹*Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)*

²*Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto (USP-RP)*



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



II. Conferências e Simpósios

Conferência1

CHOICE BEHAVIOR: MEASUREMENTS AND APPLICATIONS

Prof. Phd. Darlene Crone-Todd
Salem State University



Simpósio 1

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL: DIRETRIZES CURRICULARES, HISTÓRICO E DESAFIOS

Dr. Rodrigo Lopes Miranda¹; Ms. Oliver Zancul Prado²

¹*Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto (USP-RP), FAPESP
(2013/22946-3);*

²*Universidade Paulista (UNIP) e Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP)*

O objetivo deste trabalho é discutir aspectos relacionados à formação em psicologia experimental no Brasil, especialmente, aqueles vinculados ao treinamento em Análise do Comportamento. Para isso são apresentados aspectos gerais das diretrizes curriculares para os cursos de psicologia, que determinam que o psicólogo deve possuir habilidade de utilizar o método experimental para investigação científica e dois problemas relacionados a esse temática. O primeiro, um problema contemporâneo: a Lei No. 11.794/2008 que estabelece novos parâmetros para a utilização de animais não-humanos em práticas didático-científicas. O segundo, um problema de pesquisa: como pensar a pertinência e as possibilidades de utilização do laboratório didático de Análise do Comportamento frente a tais mudanças legais. Diante desse quadro, são apresentadas considerações históricas sobre a recepção e circulação do laboratório de Análise do Comportamento no Brasil. Também são apresentadas algumas das principais alternativas disponíveis para o laboratório didático, baseadas em *software*. As considerações históricas apontam para controvérsias entre as rupturas e as permanências da utilização desse espaço. Essas rupturas e permanências salientam as controvérsias entre as contingências cerimoniais e contemporâneas no uso do laboratório. Já alguns tipos de *softwares* poderiam representar um novo paradigma para o ensino de psicologia experimental pois atendem as normas éticas e ao mesmo tempo que possibilitam realizar experimentos com organismos vivos, neste caso o próprio aluno do curso de psicologia.



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Simpósio2

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA AO AUTISMO

Ms. Meca Andrade¹, Dr. André Varella²

¹ *Western New England University*

² Universidade Federal de São Carlos (*UFSCar*)



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Conferência 2

SEXUALIDADE HUMANA E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Florêncio Costa-Junior
mcostajunior@gmail.com

Medicina Preventiva (USP-SP); Centro de Ciências Humanas, Psicologia - USC (Bauru)

No campo do referencial teórico da Análise do Comportamento são escassos os estudos que ampliam a discussão teórica e aplicada acerca da sexualidade humana e sua complexidade nos contextos individuais e sociais. Partindo das principais dimensões da sexualidade, a palestra busca promover aproximações teóricas entre a Análise do Comportamento e as teorias contemporâneas da sexualidade; e fomentar o diálogo entre os referenciais filosóficos e aplicados da ciência do comportamento e temas relativos à sexualidade humana tais como: relações de gênero, identidade de gênero, orientações afetivo- sexuais, masculinidades, feminilidades.



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Conferência 3

**SIMILARIDADES E DIFERENÇAS EM TRÊS DEFINIÇÕES DA EXPRESSÃO
“CUSTO DA RESPOSTA”**

Prof. Dr. Carlos Eduardo Costa
Universidade Estadual de Londrina



Conferência 4

COMPORTAMENTOS SENSORIAIS E SENSÍVEIS: DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO COMPORTAMENTAL EM UMA CRIANÇA NO MODELO COMPORTAMENTAL

Patrícia Piazzon Queiroz
Instituto de Análise Aplicada de Comportamento

O ponto de partida para a condução do estudo de caso de Rafael (11), que será o fio condutor da palestra, é a distinção entre comportamento sensorial – aquele que é emitido sob controle essencialmente dos eventos que estimulem os órgãos dos sentidos e, como tal, de consequências imediatas – comportamento sensível – aquele que é emitido sob controle de eventos, cujas funções foram construídas a partir de história de contingências de reforçamento de terceiro nível de seleção e de consequências a médio e longo prazos. Pessoas sensoriais são aquelas que se comportam de modo impulsivo, apresentam baixa tolerância à frustração, são rotuladas como egoístas e mostram-se pouco sensíveis às funções que seus comportamentos têm para o outro. Pessoas sensíveis, por outro lado, têm seus comportamentos selecionados por consequências atrasadas, apresentam alta tolerância à frustração e são sensíveis às funções que seus comportamentos produzam para o outro. Rafael foi levado à terapia pela mãe, preocupada com o filho, que apresentou mudanças comportamentais e emocionais desde a morte do pai há pouco mais de um ano. O relacionamento de Rafael com o pai era “próximo e gratificante”. “davam-se muito bem”, afirmou a mãe. Realizavam muitas atividades juntos, o pai era acolhedor, afetivo e muito presente no dia a dia do filho. A perda do pai produziu brusca e ampla ruptura nos controles dos comportamentos do Rafael. Queixava-se muito da ausência do pai. Por outro lado, Rafael, nas interações sociais com as pessoas, em particular com os colegas na escola, desenvolveu um padrão comportamental indesejado: seus tatos verbais eram impuros, até mesmo distorcidos: relatava os episódios do dia a dia com exageros, sempre se vangloriando de suas proezas, anunciava as vantagens sobre os outros, e inventava acontecimentos que não haviam ocorrido... A mãe mostrava muita preocupação com tais padrões comportamentais de Rafael e resumiu as características do filho com a seguinte frase: “Ele me assusta – tem grande potencial para o bem e para o mal!...” O processo terapêutico teve como principal objetivo tornar Rafael sensível àqueles com quem interagiu. A discussão dos resultados permitiu demonstrar que o desenvolvimento de interações sociais genuínas de Rafael com os colegas e ter se tornado sensível às reações das pessoas com que interagiu. Levaram-no a ampliar os contextos com as pessoas, produzindo, através de seus comportamentos recém adquiridos, consequências reforçadoras positivas naturais, próprias de interações sociais harmoniosas. Adicionalmente, seu progresso social influenciou construtivamente os sentimentos de perda e a ausência do pai.

Palavras chave: Tatos verbais distorcidos; comportamentos sensoriais e comportamentos sensíveis.



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



III. Palestra de Encerramento

CONCEITOS E PRECONCEITOS SOBRE CONTROLE AVERSIVO

Profª Drª Maria Helena Leite Hunziker
Universidade de São Paulo



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



IV. Minicursos

Mini-curso 1

SAÚDE PÚBLICA

Dr^a. Cristina Miyazaki
Faculdade de Medicina de Rio Preto



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Mini-curso 2

**TERAPIA POR CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO (TCR): DO
RACIOCÍNIO CLÍNICO A SUBSEQUENTE INTERVENÇÃO EM
ATENDIMENTO DE ADULTO E CRIANÇA**

Ms. Renata Gomes
Instituto de Terapia por Contingência de Reforçamento



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Mini-curso 3

**COACHING E PSICOLOGIA: INTERFACES E CONTRIBUIÇÕES PARA A
PRÁTICA**

Ms. Pollyanna Abreu
MOVE



Mini-curso 4

**ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES E
LIMITES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Prof. Dr. João dos Santos Carmo

UFSCar - Frente de Ações em Análise do Comportamento e Educação

A Análise do Comportamento tem sido bastante profícua na proposição de ações que visam alterar contextos a fim de promover comportamentos que sejam produtivos ao indivíduo e ao grupo. No contexto escolar e educacional, experiências foram e são implementadas, com importantes implicações para a Psicologia Escolar e Educacional. O presente minicurso tem como objetivo oferecer um panorama acerca das contribuições da Análise do Comportamento ao trabalho do psicólogo e de outros profissionais que atuam no contexto escolar e educacional formal. Visa também discutir alguns percalços e limitações contextuais que devem servir como desafios a serem superados. Serão oferecidos alguns subsídios teórico-conceituais e relatadas experiências bem sucedidas que foram desenvolvidas por analistas do comportamento, bem como experiências em andamento. O painel de discussão oferecido ao longo do minicurso será um convite à reflexão e engajamento em ações que na comunidade escolar e em outros contextos de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Psicologia Escolar e Educacional; Análise do Comportamento.



V. Fóruns: Atuação profissional o que você tem a dizer?

Fórum I

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA CULTURA: RELIGIÃO, AGÊNCIAS DE CONTROLE E A SOBREVIVÊNCIA DA(S) CULTURA(S)

Diego Mansano Fernandes e Felipe Bulzico da Silva
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Não é segredo para ninguém que B. F. Skinner foi um autor que se debruçou sobre o estudo dos fenômenos culturais. Dentre as obras que versam sobre o tema, duas referências são fundamentais para os analistas do comportamento: *Ciência e Comportamento Humano* e *Beyond Freedom and Dignity*. Para celebrar o cinquentenário da primeira em 2003, uma edição do JEAB contou com artigos de nomes como Catania, Marr, Michael, Pilgrim, Zuriff e Todorov. Destacamos aqui o artigo de Catania para tomar emprestada uma afirmação importante, a de que “(...) muitas das mensagens a serem derivadas dos últimos capítulos de *Ciência e Comportamento Humano* não serão bem recebidas”. Um ponto levantado pelo autor é a de que aspectos importantes relacionados à análise operante de problemas sociais e agências de controle podem ser mais bem explorados, como as relacionadas à religião e governo. Na segunda obra, publicada em 1971, tal como em C.C.H. Skinner defende a sobrevivência das culturas como valor primordial de seu sistema ético e a partir do qual todos os outros valores tradicionais deveriam ser subjugados. Tal valor seria “um estado ótimo de equilíbrio” cuja balança não penderia nem para o lado de um individualismo e nem para o lado de um sistema explorador. Aliada a esta prescrição ética, o autor também aponta que as práticas culturais são selecionadas e mantidas de acordo com esse valor fundamental. É com esse panorama que este fórum se propõe a problematizar se realmente as práticas promovidas por agências de controle - e particularmente as agências religiosas - são selecionadas e mantidas pelo bem da cultura. As referências básicas recomendadas para o debate são C.C.H, os artigos a que ele se referem no volume 80(3) do JEAB e *Beyond Freedom and Dignity*.



Fórum II

BEHAVIORISMO RADICAL COMO FILOSOFIA DA CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO: O QUE ISSO SIGNIFICA?

Henrique Mesquita Pompermaier, César Antonio Alves da Rocha
Universidade Federal de São Carlos

A questão que guiou a atividade proposta – “Behaviorismo radical como filosofia da ciência: o que isso significa?” – coloca-se em um contexto amplo, relativo à exploração do conhecimento e dos diferentes tipos de discursos envolvidos no estudo de um tema. Tendo isso em vista, buscamos conduzir e explorar as discussões a partir do seguinte itinerário: a) a “passagem” do conhecimento mítico ao conhecimento filosófico, e a relação entre conhecimento filosófico e conhecimento científico; b) a filosofia como epistemologia; c) behaviorismo radical como ciência do comportamento; d) discussões sobre o objeto de estudo; e) discussões sobre método; f) discussões sobre o modelo explicativo; g) considerações finais: o diálogo entre os trabalhos teórico e empírico e a filosofia de uma ciência para além da epistemologia.

Tratando do primeiro tópico, exploramos as distinções entre o discurso mítico e a pensamento filosófico. O primeiro caracteriza-se pela narração de uma história, em geral sobre entes fantásticos, divinos ou sobrenaturais que explicariam, por meio das relações (e.g. sexuais, de aliança, de conflito) entre tais entes, e entre eles e os humanos, os fenômenos vivenciados pela humanidade. O valor e a veracidade dessa narrativa se baseiam na autoridade daquele que narra – alguém que teria testemunhado os fatos narrados ou que teria recebido as informações de uma testemunha ou de algum ente.

Já o discurso filosófico nasce justamente do rompimento com as explicações míticas tradicionais, e creditando à razão humana a capacidade de conhecer a natureza e a sociedade. Como resume Chauí (2003, pp.25-26)

Em suma, a Filosofia surgiu quando alguns pensadores gregos se deram conta de que a verdade do mundo dos humanos não era algo secreto e misterioso, que precisasse ser revelado por divindades a alguns escolhidos, mas que, ao contrário, podia ser conhecida por todos por meio das operações mentais de raciocínio, que são as mesmas em todos os seres humanos. Esse pensadores descobriram também que a linguagem respeita as exigências do pensamento e que, por esse mesmo motivo, os conhecimentos verdadeiros podem ser transmitidos e ensinados a todos

Caracterizam o discurso filosófico, a atitude crítica (exame e juízo racionais) e o pensamento sistemático (parâmetros e sequências racionais buscando um encadeamento coerente entre os enunciados). Com o desenvolvimento do pensamento filosófico, diferentes caminhos e compreensões foram sendo delineados na tentativa de conhecer não apenas a natureza, mas também a própria capacidade humana de conhecê-la. Uma dessas formas pode ser chamada de “atitude científica”, que prescreve um método não apenas de pensamento, mas também de ação: uma investigação, envolvendo observação, mensuração, descrição, experimentação e interpretação.

De maneira breve, pode-se resumir os tipos de atitudes científicas apresentados ao longo da história em três tipos: a) ciência racionalista: hipotético-dedutiva (construção lógica de axiomas – experimentação como confirmação); b) ciência empirista: hipotético-

indutiva (construção de axiomas a partir dos dados de experimentação); e c) concepção construtivista: construção de modelos explicativos.

Como o racionalista, o cientista construtivista exige que o método lhe permita e lhe garanta estabelecer axiomas, postulados, definições e deduções sobre o objeto científico. Como o empirista, o construtivista exige que a experimentação guie e modifique axiomas, postulados, definições e demonstrações. No entanto, porque considera o objeto uma construção lógico-intelectual e uma construção feita em laboratório, o cientista não espera que seu trabalho apresente a realidade em si mesma, mas ofereça estruturas e modelos de funcionamento da realidade, explicando os fenômenos observados (Chauí, 2003, p.221).

Tomados como dois discursos distintos, filosofia e ciência mantiveram sempre relação estreita e influencia mútua. Considerando-se particularmente a filosofia ocidental, pode-se apontar que a partir do renascimento ela se concentra em questões epistemológicas (sobre a natureza e possibilidade do conhecimento), e o conhecimento se confunde com os produtos da prática científica. Fruto desse contexto, têm-se desde então trabalhos não apenas direcionados a questões da filosofia da ciência (ou seja, sobre o que é e como fazer ciência), mas também relativos a disciplinas científicas específicas, como a filosofia da psicologia, que se volta mais detidamente aos princípios e pressupostos pertinentes às diferentes abordagens psicológicas. De maneira geral, a filosofia de uma ciência pronuncia-se sobre: a) objeto de estudo dessa ciência; b) os métodos de estudo a serem aplicados; e c) o modelo explicativo adotado. A diversidade filosófica leva a divergências em termos de objeto de estudo, metodologia, dados e interpretações, como se pode ver claramente na psicologia:

A diversidade de abordagens filosóficas dá origem a desacordos fundamentais sobre a natureza do objeto de estudos, levando a variações na metodologia, dados e interpretações, e generalizações dos resultados de uma abordagem à outra. (Chiesa, 1992, p.1287)

Após essa breve introdução partimos para a construção do entendimento proposto, qual seja, a compreensão do behaviorismo radical como filosofia da ciência do comportamento. De acordo com os argumentos apresentados anteriormente, sendo a filosofia de uma ciência, o behaviorismo radical deve determinar o objeto de estudos e suas características, delinear um método para conhecê-lo embasar o modelo explicativo empregado. Tal compreensão é corroborada por B. F. Skinner, autor expoente da área:

O Behaviorismo não é a ciência do comportamento humano, mas, sim, a filosofia dessa ciência. Algumas das questões que ele propõe são: É possível tal ciência? Pode ela explicar cada aspecto do comportamento humano? Que métodos pode empregar? São suas leis tão validas quanto as da Física e da Biologia? Proporcionara ela uma tecnologia e, em caso positivo, que papel desempenhara nos assuntos humanos? São particularmente importantes suas relações com as formas anteriores de tratamento do mesmo assunto. O comportamento humano e o traço mais familiar do mundo em que as pessoas vivem, e deve ter dito mais sobre ele do que sobre qualquer outra coisa. E de tudo o que foi dito, o que vale a pena ser conservado? (Skinner, 1974/1976, p.3/),

Comentadores da obra de Skinner reiteram essa asserção, notando que o behaviorismo radical é filosofia da ciência do comportamento – não é ciência do comportamento (Skinner, 1974/1976). No entanto, há uma interdependência entre o behaviorismo radical e a ciência do comportamento, porque se, por um lado, delinea-se no

primeiro uma concepção de comportamento (o comportamento operante), por outro lado, o desenvolvimento da segunda permite a Skinner aprofundar sua filosofia da ciência do comportamento. Apoiado então nessa filosofia e ciência, o filósofo, cientista e psicólogo norteamericano “realiza interpretações originalíssimas de fenômenos mentais, políticos, sociais, morais e culturais” (Abib, 1999, p.239).

Prosseguindo o itinerário proposto, propusemos a discussão de questões concernentes a cada um dos tópicos apontados como foco da filosofia de uma ciência: O que é comportamento? Qual sua natureza? (objeto de estudo); Quais as leis que governam essa ciência? (método de estudo); Quais as características das relações entre os eventos observados? (modelo explicativo).

Iniciando pelas questões pertinentes ao objeto de estudo da ciência do comportamento, discutiu-se que, apesar de haver acordo entre pesquisadores da ciência do comportamento sobre a distinção da concepção de comportamento no behaviorismo radical em relação àquela expressa no behaviorismo clássico e metodológico, a definição desse conceito não se apresenta de maneira consensual. Ao contrário, encontrar-se-ia na literatura especializada uma diversidade de definições. Mesmo na própria obra skinneriana verificam-se diferentes acepções, ora aproximando o termo à “contingência”, ora usando-o como sinônimo de “resposta”, ora ainda identificando-o à noção de probabilidade ou disposição.

Cada um desses usos ou ênfases na interpretação do comportamento podem ser identificados como possíveis responsáveis pela pluralidade de compromissos filosóficos assumidos na interpretação do behaviorismo radical. Nesse sentido, seria possível indicar em relação à proposta skinneriana diferentes compromissos, tais como “interpretações mecanicistas (Overton, 1984), fisicalistas (Creel, 1980), materialistas (Flanagan Jr., 1980), contextualistas (Morris, 1988, 1993), pragmatistas (Abib, 2001; Malone, 2004)” (Lopes, 2008, p.2). E, como consequência, diferentes compromissos filosóficos, como com o determinismo, ou com o probabilismo/indeterminismo. Afinal, behaviorismo radical alinha-se a uma epistemologia interativa-pragmática ou a um positivismo linear-empiricista?

De forma interdependente a essas compreensões, pode-se discutir também sobre o método de pesquisa a ser utilizado. Como afirma Andery (2010, p.324) que

Os problemas com a aplicação do método experimental às ciências comportamentais estão relacionados a um conjunto de suposições que, de uma maneira geral, fundamentam filosófica e epistemologicamente estas ciências: a suposição de multideterminação dos fenômenos de interesse, de sua historicidade (ou seja, a suposição de que os fenômenos relacionados a comportamentos constituem-se no tempo) e que pelo menos parte da variabilidade mensurada na experimentação é inerente e intrínseca ao fenômeno e, daí, não determinada e, portanto, não controlável.

Bem como, que “desenvolveu-se na análise experimental do comportamento mais do que um conjunto de práticas específicas ou de técnicas de pesquisa, desenvolveu-se uma ‘filosofia’ da experimentação em ciências comportamentais” (Andery, 2010, p.328).

Alinhando-se à perspectiva de que o objetivo da ciência seria formular leis empíricas gerais baseadas na observação, Skinner (1950) defendeu a compreensão de sua proposta como uma abordagem indutiva, que busca generalizações a partir dos dados. Nessa direção, o autor apresenta e sustenta que o método experimental de caso-único (*single-case*) é mais adequado para estudar fenômenos de aprendizagem do que o método científico de delineamento estatístico com grupos experimental e de controle.



Entretanto, apesar de reconhecida e propagada essa asserção skinneriana, é cada vez mais recorrente a demanda pelo tratamento estatístico dos dados, bem como a apresentação de perguntas e delineamentos de pesquisa que coadunam mais ao método dedutivo que ao indutivo. Seriam mostras de discordância em relação à proposta skinneriana? Qual o impacto dessa mudança em relação à compreensão do objeto de estudo e do modelo explicativo?

Com as discussões e questionamentos levantados ao longo do itinerário proposto para atividade, mais que a indicação de “respostas certas”, buscou-se salientar aos participantes o grande número de possibilidades de respostas distintas, bem como a diversidade de implicações e interdependência entre as práticas experimentais e os postulados teóricos que as sustentam.

As relações entre teoria e práticas de pesquisa na análise do comportamento, como em qualquer ciência, são relevantes e merecem discussão porque desta discussão emergem novos programas de pesquisa ou avanços conceituais e também se originam questões e novas práticas metodológicas. A história da análise do comportamento é também, então, a história de como se articulam e às vezes como se confrontam suposições que envolvem de um lado procedimentos metodológicos e de outro conceitos e pressupostos filosóficos. (Andery, 2010, p.329)

Referências

- Abib, J. A. D. (1999). Behaviorismo radical e discurso pós-moderno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), 237-247.
- Abib, J. A. D. (2001). Behaviorismo radical como pragmatismo na epistemologia. Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz & M. C. Scozs. (orgs.) *Sobre Comportamento e Cognição*, 8, 140-142. Santo André: ESETEC.
- Andery, M. A. (2010). Métodos de pesquisa em análise do comportamento, *Psicologia USP*, 21(2), 313-342.
- Chauí, M. (2003). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- Chiesa, M. (1992). Radical behaviorism and scientific framework: from mechanistic to relational accounts, *American Psychologist*, 47(11), 1287-1299.
- Creel, R. (1980). Radical epiphenomenalism: B. F. Skinner's account of private events. *Behaviorism*, 8, 31-53.
- Flanagan Jr. O, J. (1980). Skinnerian metaphysics and the problem of operationism. *Behaviorism*, 8, 1-13.
- Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical, *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13.
- Malone, J. C. (2004). Pragmatism and radical behaviorism: a response to Leigland. *Behavior and Philosophy*, 32, 313-315.
- Morris, E. K. (1988). Contextualism: the world view of Behavior Analysis. *Journal of Experimental Child Psychology*, 46, 289-323.
- Morris, E. K. (1993). Mechanism and contextualism in behavior analysis: just some observations. *The Behavior Analyst*, 16, 255-268.
- Overton, W. F. (1984). World views and their influence on psychological theory and research: Kuhn-Lakatos-Laudan. *Advances in Child Development and Behavior*, 18, 191-226.



13ª Jornada de Análise do Comportamento
Universidade Federal de São Carlos
13, 14 e 15 de junho 2014



Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 1950, 193-216.

Skinner, B. F. (1976). *About behaviorism*. New York: Vintage Books. (originalmente publicado em 1974).



Fórum III

O QUE FARIA UM ANALISTA DO COMPORTAMENTO PARA PREVENIR TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS TRAUMÁTICO NA RESPOSTA A UM DESASTRE NATURAL?

Denise Passarelli, Henrique do Nascimento Ricardo, Prof. Dr. Maria de Jesus Dutra dos
Reis

Departamento de Psicologia- Universidade Federal de São Carlos

OBJETIVO

A atividade teve três objetivos: (1) sensibilizar os participantes sobre a temática da atuação em desastres; (2) estabelecer suporte para capacitar os participantes na identificação de ações gerais do psicólogo na assistência aos afetados; e (3) informar sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático, possibilitando que o participante identifique os fatores de risco para essa psicopatologia, a qual pode emergir após a ocorrência de um desastre.

METODOLOGIA

Participantes

As atividades do fórum foram planejadas para um número de vinte participantes.

Instrumentos e Local

Para a realização do fórum foram necessários: um computador portátil, caixas de som, equipamento de data show e cadeiras para acomodar os participantes. Na primeira atividade que realizamos, a qual foi denominada como “*sensibilização*”, utilizamos um trecho do filme “O impossível” (Versão para DVD). Já na segunda atividade, que nomeamos como “*práticas de atuação do psicólogo no contexto de desastre*”, utilizamos itens impressos do inventário intitulado como “*Instrumento de avaliação das habilidades do Psicólogo para a intervenção em crise e prevenção do Estresse Pós-Traumático na Resposta a Desastres Naturais*. Ricardo & Reis (2013).

O inventário é constituído de trinta e quatro itens, classificados em cinco classes de comportamentos gerais: (1) Atuar de forma consonante e integrada com a logística de funcionamento; (2) Atuar de forma eficiente, eficaz e culturalmente sensível, conduzindo-se de forma responsável, nos padrões profissionais e éticos ditados pelos órgãos reguladores da profissão; (3) Capacitar para atuação efetiva, ética e culturalmente sensível, os recursos humanos arrolados para ações na Resposta; (4) Avaliar e capacitar os vitimados para a promoção do bem-estar e qualidade de vida, durante a Resposta; (5) Avaliar, intervir e capacitar para a promoção e prevenção em saúde mental durante, e no período posterior, a Resposta.



Procedimento

As atividades do fórum foram subdivididas em quatro etapas. A primeira etapa consistiu na apresentação de conceitos gerais, como desastres, resposta e defesa civil. Já na segunda etapa preparamos uma atividade de sensibilização, onde apresentamos um trecho do filme “O Impossível”. Vale ressaltar que no filme enfocamos o momento da ocorrência de um tsunami que devasta uma cidade situada na crosta da Tailândia.

Na terceira etapa segunda utilizamos o *Instrumento de avaliação das habilidades do Psicólogo para a intervenção em crise e prevenção do Estresse Pós-Traumático na Resposta a Desastres Naturais*. Ricardo (2013). As cinco práticas de atuação do psicólogo no contexto de desastre natural foram afixadas na parede e as trinta e quatro ações do psicólogo foram recortadas e, posteriormente, distribuídas aos participantes. Em seguida, solicitamos que os participantes relacionassem a ação recebida com a prática de atuação correspondente. Para que a atividade pudesse fluir melhor, distribuimos um pequeno recorte que definia as cinco práticas de atuação.

Na quarta etapa apresentamos a definição de Transtorno de Estresse Pós-Traumático, de acordo com o quinto Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM- V). Na quinta etapa discutimos sobre a atuação do psicólogo analista do comportamento na intervenção e na prevenção dos sintomas de Transtorno de Estresse pós Traumático (TEPT) em vítimas de desastres naturais. Ao final propomos algumas reflexões na forma de perguntas acerca do tema, sendo levantadas as seguintes questões: (1) Como estamos avaliando e acumulando conhecimento nas condições de repetidas inundações? (2) O que sabemos sobre previsão e regras sobre consequências de inundação na população brasileira? E, finalmente, (3) Como estamos enfrentando o TEPT nas condições de repetidas inundações?

RESULTADOS

Os participantes foram acomodados em uma sala de aula disponibilizada pela comissão da décima terceira JAC e, em seguida, os ministrantes se apresentaram e discorreram brevemente sobre os principais objetivos do fórum.

Primeiramente, foi necessário fornecer suporte teórico sobre tema, pois no fórum contamos com um grupo bastante heterogêneo, ou seja, alunos de diferentes anos da graduação e de diferentes universidades. Vale ressaltar que quando indagamos sobre o motivo dos participantes escolherem o fórum e suas experiências com a área de desastres naturais, a maioria deles respondeu que o tema era novo e escolheram o fórum com o objetivo de conhecer melhor.

Durante a atividade de sensibilização demonstramos o quanto um desastre pode ser imprevisível e catastrófico, tanto no quesito material quanto no físico e emocional. Portanto, com a sensibilização os participantes não só concordaram com tese de que o desastre pode ocorrer em um curto período de tempo, como também que os psicólogos que atuam nessa área possuam estratégias prévias para lidar com isso.

A segunda atividade teve um excelente andamento, pois com a supervisão dos facilitadores, os participantes classificaram com êxito as ações de resposta ao desastre, de modo que a taxa de erros foi bem baixa. É importante observar que essa atividade teve como produto a discussão sobre a necessidade do psicólogo possuir um conjunto de ações padrão antes mesmo da ocorrência do evento.



No decorrer da quarta etapa os participantes foram apresentados a uma definição atualizada do Transtorno de Estresse Pós-Traumático, o qual sofreu alterações na edição do DSM-V no ano de 2013. Na quinta etapa discutiu-se sobre a atuação do psicólogo no contexto de desastres e, ao final, os participantes concluíram que a produção de pesquisa que contemple essa temática ainda não supre as demandas do país.

DISCUSSÃO

O fórum contou com um número de participantes além do que era esperado, fator que indica a relevância do tema. Não obstante, é essencial pontuar que a presença de uma grande quantidade de participantes não programados afetou a organização das atividades realizadas. Desse modo, não foi possível articular uma roda de discussão como havíamos planejado. Apesar disso, conseguimos sensibilizá-los para a área relacionada à emergência. Sugere-se que para futuros fóruns haja os requisitos de que os participantes inscrevam-se previamente, respeitando o limite de pessoas estipulado na programação, e que o evento possa ocorrer em uma sala com maior espaço físico. Um fator que merece ser ressaltado é que a partir das reflexões propostas sobre pesquisa e intervenção do psicólogo no contexto de desastre, em especial no que se refere ao Transtorno de Estresse Pós Traumático, os participantes manifestaram perplexidade com as várias lacunas nessa área. Outra coisa que surpreendeu nossos participantes foi o pouco numero de estudos sobre o TEPT na população brasileira e, principalmente, a baixa participação efetiva do psicólogo analista do comportamento no contexto de desastre. Dessa forma, o fórum cumpriu a função de demonstrar ao futuro psicólogo analista do comportamento a necessidade produzir novas pesquisas nessa área.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic Statistical Manual of Mental Disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Centro Universitário de Estudos e Pesquisas de Desastres [CEPED]. (2010). *Gestão de riscos e de desastres: contribuições da psicologia*. Florianópolis: CEPED/Ministério da Integração Social/ Secretaria Nacional de Defesa Civil.
- Filho, J.C., & Sougey, E. (2001) Transtorno de estresse pós-traumático: formulação diagnóstica e questões sobre comorbidade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24(4), 221-228.
- Ricardo, H.N., Reis, M.J.D. (2013). *Habilidades do psicólogo para a intervenção em crise e prevenção do estresse pós-traumático na resposta a desastres naturais*. (Relatório Final, Iniciação Científica, Processo FAPESP 12/14826-5). São Carlos, SP, Universidade Federal de São Carlos.



Comunicações Orais

ABORDAGEM DOS FENÔMENOS SUBJETIVOS NA OBRA SKINNERIANA: UMA DISCUSSÃO SOBRE POSSIBILIDADES DISTINTAS

Henrique Mesquita Pompermaier

*Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São
Carlos*

Financiamento FAPESP

No campo da Análise do Comportamento, a abordagem mais comum para fenômenos subjetivos (como sentimentos, pensamentos, percepções e emoções) se dá através da referência à teoria de eventos privados, presente em muitos momentos da obra skinneriana. Porém, seria essa a única forma da Análise do Comportamento abordar esse tema? O presente trabalho busca apresentar a abordagem dos fenômenos subjetivos na obra de B. F. Skinner, indicando não apenas a teoria de eventos privados, mas também a possibilidade de abordagens alternativas a essa temática, sem referência à privacidade, por exemplo, por meio da magnitude das ações envolvidas nos fenômenos (“comportar-se fracamente”), níveis do comportamento (aberto e encoberto, tendo todo comportamento gênese no nível aberto), e conceitos disposicionais (probabilidade de emissão de determinados comportamentos diante de contextos específicos). Procura-se também indicar e exemplificar uma diferença significativa na ênfase dada à teoria dos eventos privados ao longo da obra skinneriana, sendo de início tratada como um “apêndice” à teoria, vindo a tomar papel central na explicação de fenômenos subjetivos. Por fim, conduz-se uma discussão sobre as implicações, potencialidades e dificuldades das diferentes abordagens indicadas.



LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE PESQUISAS EXPERIMENTAIS SOBRE COMPORTAMENTO VERBAL METAFÓRICO

Sidinei Rolim¹; Maria Martha Costa Hübner²

¹*Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; Faculdade
Pitágoras – Jundiaí;*

²*Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo
Financiamento CNPQ*

As extensões verbais podem ocorrer quando um estímulo antecedente (verbal ou não, que nunca fora relevante ou disponível no repertório verbal do falante), ao ser tateado, compartilha uma (ou mais) propriedade(s) com um estímulo não verbal (que outrora já se estabeleceu como controle discriminativo sobre tatos do repertório do falante, mesmo que de um modo distante ou pouco relevante). O comportamento verbal metafórico é uma forma de extensão verbal e tem sido aceito pela comunidade verbal e bastante reforçado, principalmente em situações que envolvam um novo contexto. Este fenômeno está presente no cotidiano das pessoas em diferentes situações (trabalho, família, relacionamentos, etc.), além de ser um recurso terapêutico amplamente utilizado na clínica em diferentes abordagens. A literatura skinneriana ressalta que o comportamento verbal pode ter maior efeito sobre o ouvinte quando emitido por meio de metáforas, visto a familiaridade e possíveis resultados emocionais que este, como estímulo verbal, tem sobre aquele que a ouve. Por meio de um levantamento bibliográfico do tema “metáforas”, houve um levantamento bibliográfico de produção científica a partir do ano 2000 e considerou-se que os estudos experimentais sobre o comportamento verbal metafórico são escassos dentro da Psicologia. Os cognitivistas tem se aventurado neste campo de pesquisa, em parceria com linguistas, e tomam como base que a metáfora pode ser uma “influência” no comportamento de resolução de problemas, porém seus achados têm resultados contraditórios e questionáveis. Uma leitura analítico-comportamental dos dados possibilita considerações importantes sobre o fenômeno comportamental que envolve a metáfora. Conclui-se, neste levantamento bibliográfico, que uma proposição de estudos com maior controle experimental (antecedentes e consequentes) sobre a história experimental do participante e embasada na proposta skinneriana para comportamento verbal metafórico se torna válida e promissora neste campo para pesquisa.



Painéis

AVALIAÇÃO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DE CRENÇAS SOBRE VIOLÊNCIA EM CRIANÇAS VÍTIMAS E NÃO VÍTIMAS DE MAUS-TRATOS

Márcia Akemi Fujie¹; Paolla Magioni Santini¹; Lúcia Cavalcanti de
Albuquerque Williams¹

¹*Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos
Financiamento FAPESP*

Estudos apontam o impacto negativo da violência na infância para o desenvolvimento cerebral e para as habilidades sociais, emocionais e cognitivas das crianças. A maneira como a criança compreende a violência está relacionada a diversos fatores, incluindo suas crenças e ideias, construídos ao longo do desenvolvimento. Pesquisas internacionais têm verificado que crianças vítimas de maus-tratos, com idade entre 10 e 18 anos, possuem cognições distorcidas sobre a violência. Estudos nacionais sobre o tema e com crianças menores ainda não foram realizados. O objetivo deste estudo foi elaborar um instrumento para avaliar crenças sobre violência em crianças com idade entre 6-14 anos, comparando as respostas de crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos. Participaram da pesquisa 45 crianças, 22 vítimas de maus-tratos e 23 não vítimas. A coleta de dados foi conduzida no Conselho Tutelar, em duas ONGs municipais e na casa dos participantes. Utilizou-se para a coleta de dados os instrumentos: 1) Entrevista Inicial (EI); 2) Questionário Infantil de Crenças sobre Violência (QICV) – composto por seis vinhetas que abordam três situações diferentes de violência (intrafamiliar, entre pares e quebra de regra moral), nas quais se deve escolher uma entre três alternativas de explicação para tal situação, sendo elas alternativas assertivas, agressivas e passivas; e 3) Diário de Campo. Os dados coletados a partir da EI foram relacionados com os resultados do QICV a partir do Teste de Correlação de Pearson, obtendo-se um índice de correlação entre a escolha de alternativas em relação a ser vítima ou não de maus-tratos. Análises preliminares indicaram correlação significativa entre o grupo de vítimas e o responder passivo da vinheta de violência intrafamiliar 2 ($p=0,035$), correlação significativa entre o grupo de vítimas e a escolha de alternativas agressivas e passivas nas vinhetas de violência entre pares 2 ($p=0,023$) e quebra de regra moral 1 ($p=0,49$). Dessa maneira, foi possível observar uma correlação nas respostas das crianças vítimas e não vítimas de maus-tratos, sendo que as crianças vítimas responderam com mais frequência de maneira inadequada (passiva ou agressivamente). A análise de dados está em andamento e outros testes estatísticos serão aplicados a fim de investigar tal relação entre as variáveis.



O JOGO DILEMA DO PRISIONEIRO NA ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Dafne Pavanelli Fidelis, Samara Fernanda dos Santos, Prof. Pedro Bordini Faleiros

Universidade Metodista de Piracicaba

Financiamento: Fundo de Apoio à Iniciação Científica UNIMEP

O jogo Dilema do Prisioneiro (*Prisoner's Dilemma Game*) estabelece um conflito entre os “interesses” individuais e coletivos. O objetivo do estudo foi realizar uma revisão sistemática de experimentos que utilizaram, como procedimento, o jogo Dilema do Prisioneiro, embasados na análise do comportamento e publicados em periódicos científicos, tanto no Brasil como no exterior. Para a busca dos artigos foram utilizados os seguintes portais e indexadores: Google Acadêmico, Science Direct, Periódico Capes, BVS-Psi, Scielo, Pepsic, e também os jornais de análise do comportamento vinculados à “*Association for Behavior Analysis International*” (ABAI). Os critérios para a seleção dos artigos foram: ser uma pesquisa que utilize o Dilema do Prisioneiro como método, ser experimental e pautada nos princípios da análise do comportamento. O procedimento será composto por quatro etapas: Primeira Etapa: Definição das palavras-chave para busca dos artigos. Segunda Etapa – Busca e Seleção dos artigos nos portais e indexadores: (a) Inserção das palavras chave nos campos de busca; b) seleção dos artigos. Terceira Etapa – Busca e Seleção dos artigos nos jornais de análise do comportamento vinculados à *Association for Behavior Analysis International*: a) Inserção das palavras chave nos campos de busca; b) Seleção dos artigos. Quarta Etapa – Seleção das referências lidas nos artigos que atenderam aos critérios para a revisão: a) classificação dos artigos enquanto experimental, análise do comportamento e abordando o Dilema do Prisioneiro. Inicialmente na primeira busca foram encontrados 252 textos e ao final desta etapa apenas 13 foram selecionados. Na segunda busca 28 artigos foram encontrados, mas somente 11 foram selecionados. Já na terceira busca 39 textos foram encontrados e apenas 9 atendiam a todos os critérios de inclusão. Somando todas as etapas e excluindo os artigos duplicados ao final da pesquisa foram encontrados 27 artigos, que de fato atendiam a todos os critérios de seleção. Todos os artigos encontrados foram escritos em inglês e nenhum foi encontrado em indexadores brasileiros. A revisão realizada permitiu identificar que estudos experimentais, envolvendo o Dilema do Prisioneiro, têm sido realizados no âmbito da Análise do Comportamento. Este estudo também permite levantar uma discussão sobre as etapas envolvidas em uma revisão de literatura, a partir de buscas online.



TAREFAS COMPUTADORIZADAS NO ENSINO DE ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO

Diego da Silva Lima¹; Raphael M. Cardoso^{1,2}; André Amaral Bravin^{1,3}

¹*Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí*; ²*Universidade de São Paulo*; ³*Universidade de Brasília*.

Tarefas com participantes humanos para fins didáticos tem sido pouco reportados na literatura nacional. Algumas demonstrações objetivam despertar o interesse do estudante ou ilustrar conceitos básicos, mas raramente figuram como atividade prática central na disciplina. O presente trabalho é um relato de experiência de utilização de uma tarefa computadorizada como componente curricular da disciplina de graduação de Análise Experimental do Comportamento. O software foi desenvolvido na própria universidade, e consiste basicamente de uma tarefa de escolha concorrente que registra o clique com o mouse sobre dois operandos de cores diferentes. Conteúdos de entretenimento são contingentes à essa resposta. Em sala os estudantes foram divididos em grupos de 4 pessoas, cada grupo com posse de um notebook e de um manual de utilização do software. Um dos estudantes do grupo foi eleito como participante do experimento, enquanto os outros foram responsáveis por programar os parâmetros (probabilidades de reforços em cada operandum). Durante a sessão o participante realizou a tarefa isolado de seus colegas. Os demais estudantes do grupo, por sua vez, discutiram os parâmetros programados e os resultados esperados de acordo com a literatura especializada. Após a sessão, sob a orientação do professor, todo o grupo analisa os dados, elabora um pequeno relatório e compartilha seus resultados com a turma. Os parâmetros programados por cada grupo e os respectivos resultados são comparados e discutidos. Os pontos positivos e negativos encontrados nessa atividade são apresentados, e sua viabilidade como prática complementar ou substituta ao laboratório animal didático é discutida.



OS EFEITOS DO CONTROLE CONTEXTUAL SOBRE CLASSES DE EQUIVALÊNCIA REORGANIZADAS: ESTUDO 4

Antônio Celso de Noronha Goyos, Tatiane Castro, Kaíque de Oliveira
Garcia Porto

Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos

Neste estudo, através de reorganização de classes de estímulos equivalentes, foram recombinadas as relações de linha de base treinadas entre estímulos abstratos, possibilitando novas discriminações condicionais e levando à formação de novas classes equivalentes em fundos contextuais de diferentes cores. Para isso, a ferramenta usada foi o software Mestre Libras e um computador. A relevância deste estudo se deve ao fato de que embora a formação de classes de estímulos equivalentes venha sendo empregada como um procedimento eficaz para o ensino de habilidades como leitura, escrita e matemática, há estudos que sugerem que este mesmo processo, envolvido na aprendizagem de comportamentos produtivos e desejáveis, pode estar relacionado a problemas clínicos, como a ansiedade. O presente estudo faz uso do fenômeno denominado ressurgência, utilizando procedimentos que envolvem a reorganização de classes de estímulos equivalentes. Foram manipuladas variáveis consequentes contingentes à emissão de respostas consistentes com classes de equivalência mais recentemente treinadas e foi verificado que os efeitos dessas manipulações sobre a ressurgência de classes previamente treinadas gera respostas consistentes com aprendizado satisfatório. Foram usados efeitos do controle contextual sobre classes de equivalência reorganizadas. Dessa forma, foi avaliado se há mudança significativa no desempenho de aprendizagem. Os resultados, de modo geral, revelaram que mediante feedback negativo, há ressurgência de classes de equivalência previamente treinadas, mas que sob extinção, as classes mais recentemente treinadas são mantidas. Foi possível checar porcentagens de respostas consistentes com os treinos em cada uma das cores de plano de fundo em função do número de repetições de cada etapa do estudo. Entretanto, a análise posterior dos dados não permitiu verificar relações funcionais consistentes entre o número de repetições das etapas e padrão de respostas exibidas nas etapas posteriores.